

Uma análise do filme etnográfico
KAPINAWA – wir dürfen wieder Indianer sein
(Kapinawá: Nós estamos autorizados a ser Índios novamente)¹

Glauco Fernandes Machado
Universidade Federal de Pernambuco
glaucomachado@yahoo.com.br

RESUMO:

Em 2007, foi realizado um processo de digitalização do filme em película antiga de 16 mm produzido pela empresa alemã Aradt-Film Bumbold KD em parceria com o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), sob o título *KAPINAWA – wir dürfen wieder Indianer sein* (é apropriado ser traduzido como: *Kapinawá: Nós estamos autorizados a ser Índios novamente*). Seu conteúdo abrange relatos dos próprios índios do sertão pernambucano sobre como é ser Kapinawá e o embate deles com os fazendeiros pelas terras reivindicadas como sendo dos indígenas.

Percebendo o que as imagens exprimem, este trabalho tem o propósito de apresentar estudos parciais do filme supracitado por meio de uma análise de seu conteúdo, a qual, através de pesquisa futura, será confrontada com as percepções da comunidade Kapinawá. Assim, utiliza-se esse caso particular para melhor clarificação das teorias aplicadas na Antropologia Visual.

Nesse contexto, o tema proposto compreende uma pesquisa de reflexividade etnográfica do proceder antropológico no âmbito do uso do recurso visual na contemporaneidade e apresenta algumas possibilidades de debater questões éticas, metodológicas e teóricas acerca de como se processa atualmente o saber antropológico da teoria visual no campo da Etnologia.

Palavras-chave: Kapinawá, Filme, Aradt

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

Uma análise do filme etnográfico
KAPINAWA – wir dürfen wieder Indianer sein
(Kapinawá: Nós estamos autorizados a ser Índios novamente)

O trabalho que se apresenta traz a finalidade de expor as primeiras análises do filme *KAPINAWA – wir dürfen wieder Indianer sein*, produzido pela empresa alemã Aradt Film Bumbold KD em parceria com o Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Esse exame irá compor a pesquisa *As Representações no Filme Etnográfico pelos Índios Kapinawá*, do programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação do Professor Doutor Renato Monteiro Athias, com o intuito de obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

O filme em questão foi finalizado no ano de 1989 no sertão de Pernambuco, sendo seu conteúdo basicamente formado por narrativas visuais e orais relatando a resistência dos índios Kapinawá nas terras em que viviam.

É importante destacar que alguns dos personagens desse filme não estão mais vivos, que a comunidade Kapinawá não adquiriu essa produção e que muitos deles não tiveram acesso a ele.

A equipe técnica para a produção do filme foi composta de: Paco Joan, câmera; Herry Ried, som; Rose Marie Hörl, montagem; Fabio Alves dos Santos seminarista do Cimi, conselhos; Marietta Peitz, roteiro e direção; Carl Bringer e Anton Fellner, editores; HR / ORF, co-Produção; e cooperação com a ADVENIAT.

Com 29 minutos e 50 segundos de duração, o filme foi transferido do formato original de 16 mm de película fílmica para uma fita de mini-DV com o auxílio da Produtora e Editora Massangana Multimídia² — situada no prédio da Fundação Joaquim Nabuco no Derby, em Recife — e oferece, agora, a possibilidade de ser transferido para DVD, tipo de mídia cujos aparelhos de execução são mais facilmente encontrados; o que aumenta o acesso ao conteúdo do filme.

Combinando imagens, discursos dos personagens e uma narração em alemão que também traduz o dizer enquadrado pela câmera, o filme aborda o momento em que os índios Kapinawá de Pernambuco se organizam para ter ciência dos direitos que poderiam reivindicar.

Assim sendo, para auxiliar na compreensão de termos na língua alemã contamos com a Professora Lúcia de Fátima de Almeida Couto.

² Acesse: <http://www.fundaj.gov.br>.

O filme tem a função de documentação e foi didaticamente construído para aqueles que querem conhecer a passagem histórica do povo Kapinawá para o próprio reconhecimento enquanto índios sujeitos a direitos e, principalmente, à posse de terra.

Deste modo, *KAPINAWA – wir dürfen wieder Indianer sein* inicia-se com os índios cantando e dançando para, posteriormente, exibir o título com tipografia de fácil assimilação e cor branca (ver **Figura 1 e 2** para maiores interpretações). Em seguida, entra uma cena em que os índios interpretam como pistoleiros a mando de grandes proprietários de terra expulsaram os indígenas de seu território. Essa simulação do acontecimento teve atuação de índios Kapinawá: uns representando a comunidade indígena, e outros atuando como pistoleiros armados.

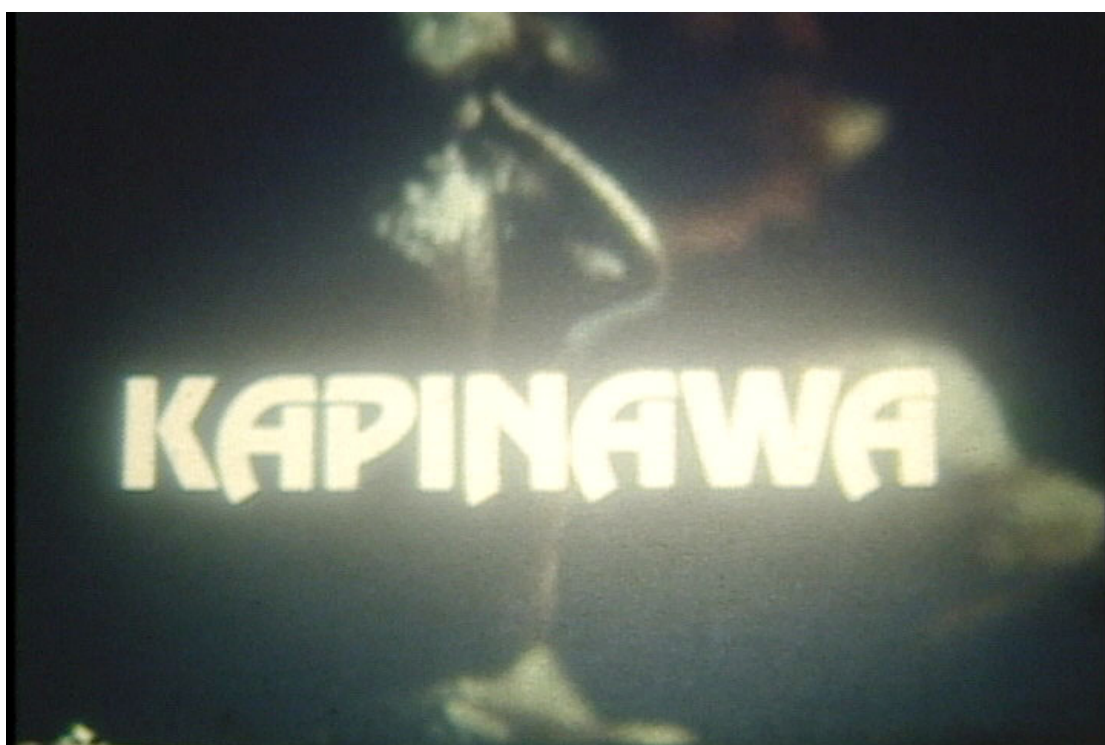


Figura 1

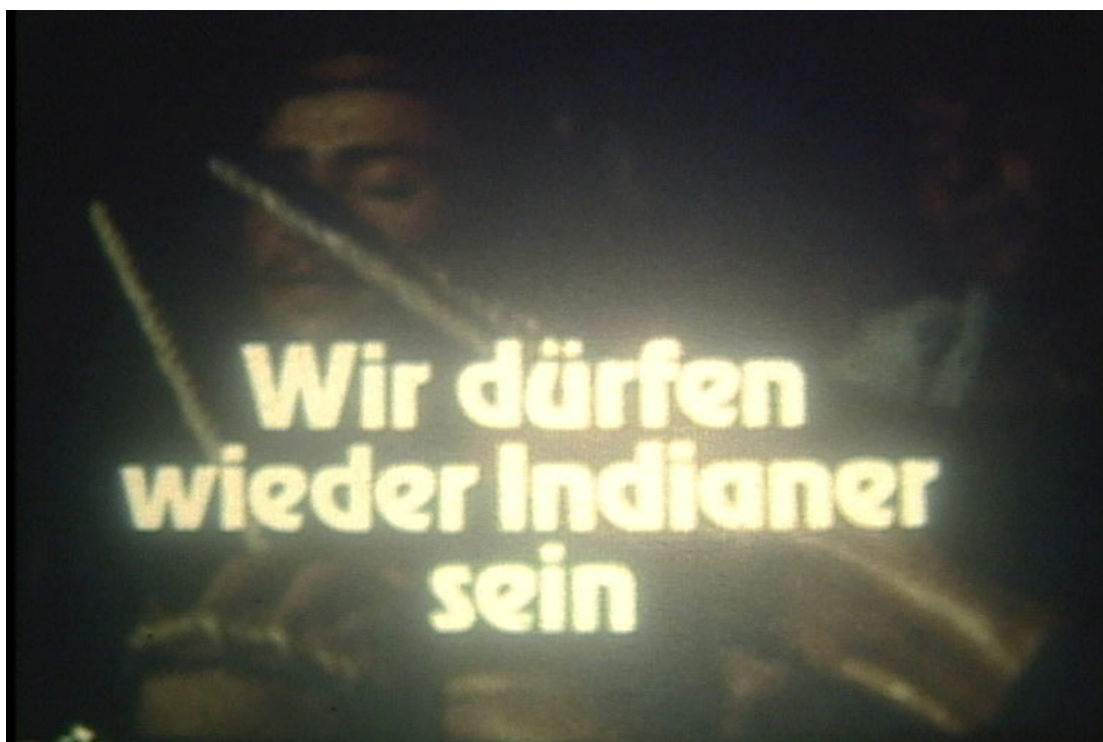


Figura 2

Nessa cena, a câmera em movimento tem como função enquadrar o deslocamento dos atores. Aqui, a equipe técnica utilizou maquinaria para cinema, como grua e tripé, fugindo do modo de captação de Jean Rouch, que utilizava câmera na mão.

O que resultou do enquadramento foram os índios representados com foices — instrumento de trabalho camponês —, e os pistoleiros ameaçando e atirando com suas armas de fogo (ver **Figura 3** e **4** para maiores interpretações).



Figura 3



Figura 4

Interessante é a forma como foi idealizada a cena seguinte, a qual apresenta uma índia explicando o acontecimento relatado debaixo de uma árvore, com várias crianças e adultos formando um grande círculo (ver **Figura 5** para maiores interpretações).



Figura 5

Assim, compreendemos que a atuação do embate dos índios pelas terras e essa posição supracitada didaticamente formada foram idealizadas pela equipe de produção cinematográfica, havendo um apelo narrativo emocional na construção dessas e de outras cenas presentes no filme.

Sobre este assunto, apesar de os documentários serem considerados uma verdade maior, para Nichols (1991 *apud* LOIZOS, 1995)³, alguns autores fazem uso de elementos que parecem filmes de ficção em documentários, para mencionar alguns deles, têm-se o uso de continuidade na filmagem e na montagem, e da narrativa de suspense e de fechamento.

Dessa forma, existem filmes de ficção que tentam reproduzir o real e o estilo naturalista dos documentários, estes, conforme Loizos (1995)⁴, são uma retratação com a menor influência possível.

Além do uso do enquadramento muito perto nos rostos — *close-up* — nas cenas dos filmes há inserção de imagens filmadas que foram gravadas em período diferente da progressão real da filmagem. Do ponto de vista de Heider (1976 *apud* LOIZOS, 1995, p. 58), “tanto o *close-up*, quanto a introdução de sons gravados em outros momentos ou lugares, diferentes das imagens tomadas, podem enfraquecer a autoridade de um filme etnográfico”⁵.

Ao longo do filme, vemos a presença do Cimi, e/ou da Igreja Católica, representada por Fábio Alves dos Santos, que incita os índios, em várias passagens do filme, a reivindicarem direitos enquanto indígenas.

A equipe de produção do filme se preocupou em colocar um narrador para cada tradução de fala, além do narrador/comentarista principal, que possuía um tom de voz forte e grave e complementava as narrativas visuais e orais, tornando o discurso do filme mais didático.

Entretanto, foi analisado nos discursos que a tradução tanto modificava a construção das frases elaboradas pelos índios quanto acrescentava palavras não proferidas pelos nativos. Por exemplo, o índio fala “*a igreja*”, e, na tradução, temos “*a Funai*”. Essa inserção de conteúdo não exposto pela pessoa filmada acontece na medida em que o falante começa a se pronunciar e seu áudio é diminuído ou eliminado para dar voz à locução alemã dos produtores do filme.

Um outro trecho a ser destacado é quando a fala de um índio é cortada e substituída por uma tradução que diz: “*sem a ajuda da igreja, não teria nada*”. Nesse momento, é importante lembrar, sem acusar nada por enquanto, que a equipe alemã que produziu o filme

³ LOIZOS, Peter. A inovação no filme etnográfico (1955-1985), **Cadernos de antropologia e imagem**, n. 1, 1995.

⁴ IDEM.

⁵ Ver também Young, 1975, Collier, 1988, Hockings, 1988, e Banks, 1992.

provavelmente foi contatada para fazer tal produto audiovisual pelo Cimi. Fato este que pode dar oportunidade a um direcionamento de importância dos relatos capturados.

A Antropologia Visual vem desenvolvendo um importante trabalho teórico reflexivo, cujo objetivo é definir e analisar as propriedades dos meios visuais como uma construção do conhecimento etnográfico; suas formas como discurso; bem como as circunstâncias da sua interpretação (cf. ECKERT; ROCHA, 2006)⁶.

Assim, poderíamos concluir, nesta primeira análise fílmica, que a disposição de novas palavras e a supressão de outras poderia acarretar uma orientação do discurso para interesses específicos dos produtores do filme.

Além disso, podemos deduzir que modificar a construção da narrativa dos indígenas filmados é uma atitude etnocêntrica por criar uma reorganização dos dizeres dos nativos.

Dentro desse campo reflexivo, encontra-se o estudo etnológico da produção fílmica⁷, que se apresenta na atualidade não apenas com função auxiliadora na narrativa etnográfica, mas possibilita, também, que os sujeitos revelem sua concepção crítica do que representam enquanto sujeitos diferentes.

Com isso, é importante ressaltar o questionamento sobre qual memória é essa documentada em suportes tecnológicos. Qual o enfoque dado por terceiros que realmente não vivem na comunidade e se acham capazes de julgar o contexto filmografado?

Entretanto, essas relações entre observador e observado levantam algumas questões acerca do saber antropológico, tais como: Que teorias e metodologias foram aplicadas no recurso visual? O recorte realizado nos filmes produzidos por terceiros dá espaço à lógica da percepção do grupo observado? Essa inter-relação narrativa e etnográfica da linguagem fílmica permite abrir espaço para um encontro entre as percepções e as memórias dos sujeitos? A respeito disto, Eriksen e Nielsen (2007, p. 193)⁸ explanam que “‘Nativos’ são perfeitamente capazes de identificar a si mesmos e se mostrar cada vez mais avessos a tentativas antropológicas que se propõem a ditar quem eles ‘realmente’ são”.

Deste modo, as maneiras como estão sendo representadas e o tipo de entendimento que se estabelece constituem uma questão ética e moral discutida na Antropologia.

Para isso, achamos importante que, na continuação desta pesquisa, os próprios indígenas tenham acesso ao referido filme para proporcionar um momento reflexivo dos discursos imagético e das narrativas orais postos no objeto de análise do presente artigo.

⁶ ECKERT, C.; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Antropologia em novos suportes: hipertexto, complexidade e intertextualidade. **Revista Intermídias.com** (Online), Rio de Janeiro; v. 5 e 6, p. 1-20, jun. 2006.

⁷ Estudo apontado na história da disciplina antropológica pelo cineasta e antropólogo Marc Henri Piault (1995).

⁸ ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. **História da Antropologia**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.